

PESQUISA E EXTENSÃO: NÃO BASTAM APENAS UTOPIAS

Walber Pereira

PARTE I (O POPULARESCO)

Fala-se sempre da tão citada trilogia acadêmica, dividida entre Ensino, Pesquisa e Extensão.

Porém é evidente que o primeiro é, de certa forma, cumprido pela própria razão de haver um currículo que o discente tem que realizar, deixando para trás as quatro paredes universitárias, nas quais esteve inserido nos quatro ou cinco últimos anos: é a busca de algum local onde possa desempenhar suas atividades trabalhistas e colocar em prática o conhecimento adquirido academicamente.

Neste interim acadêmico fala-se nas duas grandes e utópicas realidades: Pesquisa e Extensão. A primeira é caracterizada pelo acesso ao desconhecido, à coleta de dados constantes para se sistematizar um tipo de conhecimento que só vem através da prática empírica, e a segunda realidade será a transferência desse conhecimento, já sistematizado, para uma comunidade específica.

O discente é, de certa maneira, "bombardeado" por estas filosofias "Pesquisatórias" e "Extensionísticas" (como diria o saudoso e Bem-amado Paulo Gracindo), mas se esquece que ainda está envolvido em todo um contexto acadêmico, cumpridor de cargas horárias muitas vezes extensas, que o tolhem, para que ele possa elaborar trabalhos desta natureza. Ou quando não, o discente esconde-se em lutas estudantis intermináveis, indo às ruas para reclamar os seus direitos constitucionais. E também no cumprimento do currículo, obtenção de diploma, além de encontros, congressos e seminários estudantis.

Tudo isso são coisas palpáveis, porque procurar um caminho ainda obscuro é típico do ser humano. Porque não lutar pelas coisas que já existem frente aos olhos (o ver para crer)? É muito fácil chegar às sextas-feiras à noite e atravessar até o bar defronte e prosseguir com o populareSCO, e jogar conversa fora, seguindo os ditames do corpo: são realidades já estigmatizadas e estereotipadas, e que o alienígena não pertube com o processo.

Retornando aos conceitos anteriormente citados, de Pesquisa e Extensão, um dos pontos que mais atraem o discente para sua tentativa de realização, seria a questão da Bolsa que lhe será concedida no decorrer de seu trabalho e também a alocação de carga horária (pit) dos docentes, que se envolvem nestes trabalhos, não contando com a insistência de uma compensação financeira.

É muito importante frizar que não se pode generalizar todo esse conceito cótico à toda a Instituição Superior a qual estamos vinculados. Existem, realmente, aqueles trabalhos dignos de serem considerados, como também aquelas pessoas que se sobressaem através de seus esforços por uma sociedade mais justa e igualitária. Pessoas com projetos em andamento e com grande sucesso alcançado. Queremos apenas é tentar combater os focos de resistência que existem em certas partes da universidade.

No Campus IV (Enfermagem), onde estamos envolvidos, existem verdadeiras tentativas de

combater esta rotina acadêmica que, às vezes, até nos submetemos, tentativa esta formada pelo Projeto Sextas Culturais - Enfarte, Projeto idealizado no início de 1995 por docentes e discentes do Campus IV. Projeto este que visa, a princípio, ampliar a formação acadêmica, complementando a formação tecnicista, estendendo-se por várias áreas do conhecimento, socializando e promovendo a Interdisciplinaridade e integração docente e discente. São formas de expressão cultural, que proporcionam maior acesso ao saber dos vários segmentos sociais, facilitando a interação entre o erudito e o popular, a que se abre espaço.

O Projeto Enfarte, no ano de 1995, já trouxe várias novidades ao Campus IV, como: Palestras sobre GNOSE /Auto-conhecimento, com os temas: Os centros Humanos, A morte, Karma, Dharma. Também houve Palestras sobre Filosofia "Os valores humanos e o homem", Alimentação Alternativa, Curso Pré-natal (Projetos em andamento Campus IV), Shows Musicais e Poéticos, Debate Político (Neo-liberalismo), Curso de Teatro e filmagem do Curso de Língua Inglesa do Campus IV.

Porém, estamos ainda muito longe da total integração acadêmica, mas devemos lutar por ela. Talvez com um novo Reitor, busquemos alternativas mais viáveis para a concretização da Pesquisa e Extensão, que haja uma reversão de valores em nossos discentes e docentes, não apenas buscando a satisfação pessoal, que é perene, mas um ideal mais transcendente e filosófico para todos.

PARTE II

Viabilizar a Extensão Universitária como um processo educativo, cultural e científico como o Ensino e a Pesquisa, articulados indissociavelmente, propiciando transformação das relações entre a universidade e sociedade, traduz-se o eixo central, em termos de linha de ação, que deve ser operacionalizada pela Pró-Reitoria de Extensão que está por vir com a eleição do novo Reitor Universitário.

Este trabalho (Projeto Enfarte) que se apresenta à comunidade é totalmente diversificado (ou precisa ser), implicando em uma grande tarefa de se aliar o compromisso político ao compromisso técnico. Faz-se evidenciar o árduo desafio a ser superado, uma vez que entendemos que o processo de Extensão Universitária também é construído na vinculação da universidade com as lutas e causas populares. E, no que tange à cultura, os esforços pela universalização dos seus benefícios são, simultaneamente, as lutas que se travam contra as relações de dominação e contra as desigualdades geradas no processo histórico que vivenciamos no interior de nossa sociedade.

A todos que fazem parte do processo extensionista e cultural, expressamos nosso reconhecimento pelo esforço para a concretização dos objetivos que são propostos. Concomitantemente, fica o convite à comunidade universitária para o engajamento nesta dinâmica, que é de todos nós.

PARTE III

Um dos papéis mais importantes que a universidade desempenha é a produção de conhecimento científico, que gera mudanças na sociedade. Assim, possui um compromisso social de dirigir seus interesses e preocupações para ações de promoção e garantia de desenvolvimento social, democrático e justo. Para tal objetivo, faz-se necessário buscar, junto à própria comunidade, subsídios que lhe permitam detectar seus anseios.

O conteúdo da atividade Extensionista deve ser definido a partir de diretrizes políticas da universidade, que, por sua vez, deve considerar a relação entre a realidade institucional e o processo histórico. A Extensão pode ser considerada como um processo cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma associada, o que pode significar a recuperação da unidade do conhecimento, alimentando o processo de ensino-pesquisa através da incorporação de novos paradigmas vindos da realidade social circundante.

PARTE IV - EXTENSÃO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA NO CAMPUS IV ESTERIÓTIPOS A SEREM ELIMINADOS.

A Filosofia de Extensão, em Línguas Estrangeiras (Inglês (2), Alemã, Língua Indígena), no Campus IV, segue rigorosamente os ditames e pressupostos que gerem algum tipo de mudança no paradigma educacional da sociedade (docente, discente, funcionários e comunidade externa), pois este ensino não pode ser visto apenas como um modismo efêmero, mas sim uma grantia de continuidade para que o aluno desenvolva as suas potencialidades linguísticas latentes.

Há pessoas negativas por excelência que realmente ignoram este aprendizado, afirmando que não conseguem nem mesmo aprender e falar sua própria língua nativa. Esperamos do aprendiz que ele não se envolva neste tipo de negativismo, porque é falso e ignorante (no sentido de desconhecimento), pois o ser humano, de acordo com os pressupostos linguísticos existentes, já nasce com sua gramática internalizada, necessitando apenas de um meio específico e coerente para que a desenvolva, ou seja, não existe ser falante sem sua gramática congênita e seu estilo próprio de utilização, que denominamos de IDIOLETO (Ferdinand de Saussure, 1913 - Princípios da Linguística Geral), que vem a ser a linguagem e o estilo próprios do ser falante: nada se compara a ele, que tem a sua independência linguística, e jamais será o imitador de outrem.

PARTE V - POR QUE FALAR UMA LÍNGUA INDÍGENA?

Este tipo de pergunta já é praxe nos contextos acadêmicos e também em outros lugares. "Por que eu vou aprender uma língua estranha a mim, se eu tenho acesso a tantas outras, ditas "de civilização", como o Inglês, Francês, Alemã, etc., línguas estas que me servirão de passaporte a tentar conquistas internacionais e curriculares?"

A razão de todo este descontentamento é o fato de constante presença do egocentrismo linguístico (Mattoso Câmara Jr., "Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras", 1979), que afirma que a sensação de se estudar uma língua indígena é de que estamos penetrando em universo aquém do que estamos habituados desde a infância com nossos pais. Tudo isto porque falta em nós visão Antropológica e Sociológica da nossa realidade brasileira tão dialética. Esquece-se que este aprendizado pode nos dar subsídios sócio-culturais para que aprendamos mais um pouco sobre a realidade indígena, que também é nossa.

Seria uma verdadeira utopia se pudéssemos ter acesso às 170 línguas indígenas amazônicas, 20 do tronco Tupi, idioma que está presente em nosso léxico com palavras como: Boro (dinheiro), xará (amigo), curica (papagaio), mingau (sopa), candeeiro (luz), etc. Porém, o Campus IV já iniciou este aprendizado estendendo-o a outros municípios (Castanhal e São Miguel do Guamá), através do ensino do idioma NHEENGATU (A BOA FALA), que ainda é falado na região do Alto-Rio Negro (AM) a mil quilômetros de Manaus, com uma população de falantes na ordem de 30.000 em todo o Brasil. Pretende-se ainda instituir no Campus IV outros idiomas indígenas (MAKURAPI, ANHEMBÉ, PARKATEJÊ, etc), contanto que haja a aceitação e interesse da comunidade acadêmica, e que se quebre com esse egocentrismo linguístico que a maioria das pessoas possuem.

Walber Pereira : professor de Língua Inglesa da UEPA